

# ‘Imperialismo e guerra são a mesma coisa’

---

Por Katarine Costa · 15/05/2026

Guerras, bloqueios econômicos, militarização e avanço da extrema direita fazem parte de uma mesma reorganização imperial do mundo, marcada pela disputa de territórios, [destruição de soberanias nacionais](#) e aprofundamento das desigualdades sociais. A avaliação foi compartilhada por lideranças da Palestina, Cuba e Brasil durante a mesa “Imperialismo, guerra e desordem global: uma resposta da esquerda”, realizada nesta sexta-feira (15), em São Paulo (SP), durante a conferência internacional “*Good Night, Far Right – A Saída é Pela Esquerda*”, organizada pela Fundação Rosa Luxemburgo.

Participaram do debate o militante palestino Imad Touma, o filósofo cubano Félix Valdés García e a presidenta nacional do Psol, Paula Coradi. A mediação foi feita por Philip Degenhart, diretor-executivo adjunto da Fundação Rosa Luxemburgo, e pela militante palestina Donia Abbas.

Ao longo da mesa, os participantes defenderam que a escalada global de guerras e conflitos internacionais está diretamente ligada ao fortalecimento de projetos autoritários e ao avanço da extrema direita em diferentes regiões do mundo.

“O mundo foi sequestrado por gângsteres da política e da economia”, afirmou Félix Valdés García ao abrir sua intervenção. O filósofo cubano relacionou o genocídio em Gaza ao [bloqueio econômico imposto há décadas contra Cuba](#) e avaliou que “imperialismo e guerra são a mesma coisa”.

Segundo ele, a normalização de sanções econômicas, ocupações militares e destruição de territórios depende da construção permanente de narrativas políticas que transformam países e povos inteiros em ameaças internacionais. “As narrativas construídas para justificar atos de pilhagem e barbárie são muito perigosas”, afirmou. “No caso de Cuba, seguem dizendo há décadas que somos uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos.”

García também criticou o que chamou de hesitação de setores progressistas diante da situação cubana. “Não estamos falando apenas de salvar um governo ou um país comunista, mas de salvar uma parte deste mundo e da América Latina”, disse.

### **‘O mesmo inimigo’**

O militante palestino Imad Touma afirmou que a [guerra em Gaza](#) escancarou as divisões estratégicas da esquerda internacional e a dificuldade de construir respostas comuns diante do avanço imperialista.

Segundo ele, parte da esquerda ainda reage de forma fragmentada às guerras e às ofensivas militares promovidas por potências globais. “O mesmo inimigo está no Oriente Médio e na América Latina”, afirmou. “São as mesmas empresas armamentistas, o mesmo sistema que lucra com a guerra.”

Touma argumentou que o genocídio em Gaza não se sustenta apenas por decisões políticas do governo de Benjamin Netanyahu, mas também pelos interesses econômicos da [indústria bélica internacional](#). “Essa guerra não continua apenas porque Netanyahu é louco. Existem empresas lucrando com isso”, disse.

O militante avaliou que a extrema direita conseguiu se apresentar como força política radical diante de uma esquerda cada vez mais institucionalizada e distante das bases populares. “A extrema direita tem sido mais radical do que nós”,

afirmou. “Nós deixamos as ruas e fomos para ONGs e institutos.”

Segundo ele, o crescimento de movimentos ultraconservadores também está ligado à incapacidade da esquerda de organizar respostas concretas para trabalhadores e setores marginalizados. “O mundo virou um lugar selvagem e depois eles se apresentam como solução para esse mesmo caos que produziram”, resumiu.

Touma defendeu ainda que o movimento internacional de solidariedade à Palestina avance para além do apoio simbólico ao povo palestino e se transforme em uma articulação mais ampla contra a militarização global e o lucro das guerras.

“Precisamos transformar o movimento pró-Palestina em um movimento internacional antiguerra e antimilitarização”, afirmou. Ao encerrar sua participação, [citou Antonio Gramsci](#) ao defender que “o otimismo da vontade deve derrotar o pessimismo intelectual”.

“Se continuarmos divididos e inofensivos como estamos hoje, seremos cada vez mais

“Se continuarmos divididos e inofensivos como estamos hoje, seremos cada vez mais derrotados”, defendeu o militante palestino Imad

Touma. | Crédito: Rodrigo Chagas/Brasil de Fato

## **Disputa civilizatória**

A presidenta nacional do Psol, Paula Coradi, afirmou que a extrema direita contemporânea opera como uma das expressões políticas da reorganização imperial global após o [desgaste do neoliberalismo](#).

Segundo ela, o crescimento internacional de discursos ultraconservadores está diretamente ligado às frustrações sociais acumuladas por décadas de precarização do trabalho e aumento das desigualdades.

“Esse imperialismo vem acompanhado de um conjunto de ideias que remetem a um passado fantasioso, em que mulheres, pessoas negras, LGBT e imigrantes devem voltar a posições de subserviência”, afirmou.

Para Coradi, os ataques a direitos das mulheres e das minorias não são elementos secundários da extrema direita, mas parte central de um projeto econômico e político de aprofundamento da exploração do trabalho. “Isso não é simbólico. É material, concreto e diretamente vinculado à exploração”, disse.

A dirigente do Psol avaliou ainda que mulheres têm ocupado papel central na resistência internacional ao avanço autoritário. “As mulheres têm sido um cordão sanitário contra a extrema direita”, afirmou.

Ao defender uma reconstrução internacionalista da esquerda, Coradi argumentou que os setores progressistas precisam voltar a apresentar um projeto amplo de transformação social. “A disputa que estamos travando é civilizatória”, disse. “A esquerda precisa apresentar um projeto de totalidade.”

Segundo ela, isso passa pela capacidade de reconectar a esquerda à diversidade concreta da classe trabalhadora contemporânea. “A classe trabalhadora tem gênero, tem raça, tem formas de amar e de existir no mundo”, afirmou.

A conferência [Good Night, Far Right - A Saída é Pela Esquerda](#) segue até sábado (16), em São Paulo, com debates sobre estratégias internacionais de enfrentamento à extrema direita.

*\*Esta produção é uma parceria entre Fundação Rosa Luxemburgo e **Brasil de Fato**.*

Editado por: Luís Indriunas